

coleção
[a escolha
é minha]

Margarida Fonseca Santos

Não Me
magoas
Mais



 fábula

*Dedico este livro a todos
os professores-bibliotecários
e à Rede de Bibliotecas Escolares,
que, além de promoverem a leitura
e os livros, concretizam encontros
entre pessoas, livros, afetos e conhecimento.
E a quem precisar deste livro
para ganhar coragem e pedir ajuda.*

1

Larysa

— Também gosto de ti quando choras — disse-me o António. — Nunca te vou magoar.

E eu chorei ainda mais. Por ser tão diferente, por saber que o António nunca me iria tratar mal, por estar a sentir uma revolução na minha vida, uma revolução que, pela primeira vez, viera de dentro para fora, viera por bem. Não sei explicar. Já não tenho medo.

Esta ideia da Terezinha talvez funcione, não sei bem. Nunca na vida escrevi o que sinto. Nunca tive vontade de o fazer, não achava graça nenhuma, morria de medo ao escrever coisas sobre mim (ou seriam sobre os outros?) e depois imaginar que alguém pudesse agarrar no caderno e ler. Pior: ler em voz alta para me humilhar diante de uma plateia.

Que plateia? Não faço a mínima ideia, mas era assim o meu pior pesadelo relacionado com escrever o que sentia.

Mas talvez seja melhor começar pelo princípio. E onde será o princípio desta transformação? Ah, já sei. Tudo começou na Biblioteca Municipal.

— Talvez encontre esse livro numa biblioteca — informou-me a dona da livraria da cidade onde moro, Castelo Branco. E a senhora ainda ia procurando melhor nas listagens no computador. — Ou, então, só mandando vir, mas é capaz de demorar algum tempo.

— Pois. Já procurei na biblioteca da escola, mas não há.

— E na Biblioteca Municipal, experimentou? Pode ser que por lá arranje, quem sabe. Como fazem lá muitos encontros com escritores, conversas, sessões de contos, podem ter mais coisas do que aqui, porque os autores oferecem livros à autarquia.

— Oferecem à autarquia...

— Autarquia é dizer, bem, assim para ser mais simples, oferecem à Câmara Municipal, e ficam na biblioteca. Autarquia é uma palavra mais difícil,

se calhar. Mas não leve a mal o que lhe vou dizer: a menina fala muito bem português.

— Já vivo em Portugal há muitos anos.

— Mesmo assim! Fala muito corretamente. Só notei que era estrangeira porque, olhe, nem sei, é muito bonita, uma beleza assim diferente de nós.

— Obrigada.

— Ora essa, é a verdade!

— Um resto de bom dia para si.

E saí ainda a agradecer, muito envergonhada. Choquei com a porta, que me prendeu a mochila, e depois com um senhor sisudo, que trazia um saco cheio de fruta, ou hortaliça, um saco muito cheio que me atrapalhou a saída.

Várias dúvidas me assaltaram naquele instante. Não ia à Biblioteca Municipal desde que a minha madrinha foi trabalhar para fora de Portugal. Dantes, ia com ela às sessões de contos ao fim de semana, às atividades para crianças. As recordações daquele espaço eram muito boas, mas agora sou mais velha e não faço ideia se poderia ir perguntar pelo livro, se podia entrar sem cartão.

Foi lá que conheci, ou reconheci, porque andamos na mesma escola, a Terezinha. Nunca nos tínhamos dado porque as nossas turmas eram

diferentes, embora do mesmo ano — andávamos ambas no 9.º ano. Eu no 9.º C e ela, no 9.º A. Ser do 9.º A, na nossa escola, queria dizer isto: era a turma dos melhores alunos.

Quem é a Terezinha, então? Uma miúda um pouco maria-rapaz com, vim a saber depois, um metro e meio de altura, e um nome estranhamente comprido (sim, porque não é um diminutivo, o nome dela é mesmo assim). Herdou-o de uma avó que nunca parava quieta, e tinha fama de ser muito inteligente e revolucionária. Esta era, aliás, uma descrição perfeita para a Terezinha. E, lá está, frequentava a escola na turma A, e, como a avó, não parava quieta.

Por isso, era fácil encontrá-la na biblioteca e na sala de alunos. Participava em todas as atividades possíveis e imaginárias. O cabelo aos caracóis, quase ruivo, nem curto nem comprido, ali a meio, sempre em desalinho, dava o toque final à sua personalidade frenética.

Encontrava-me eu debruçada no balcão da receção, a explicar à senhora que o meu nome precisava de um ípsilon, Larysa, quando a Terezinha apareceu. Nasci na Ucrânia, quando ainda vivíamos todos juntos, quer dizer, eu, o meu irmão e os meus

pais. Não ficámos lá muito tempo, porque a minha mãe agarrou em nós e fugiu para o país onde já estavam alguns amigos. Chegámos a Portugal quando eu tinha oito anos, o meu irmão, quatro. Ficou a herança ucraniana no nome, o que passou a dar muito trabalho em qualquer registo, nos formulários, essas coisas, já para não falar na forma como pronunciavam o meu nome. Adorava ser só Lara, ou só Lisa. Ou Clarisse, gostava muito de me chamar Clarisse. Mas era Larysa e ficava envergonhada quando precisava de corrigir um registo.

Neste diário de bordo, neste bloco que mais parece uma sebenta, para que ninguém lhe pegue, escrevo o que vou pensando. Como dizia a Terezinha, a vida é um caminho (o dela é um rali!), e eu comecei a registar os vários passos do percurso. Ali estavam os primeiros desabafos. Decidi voltar a ler tudo e passar a limpo, mas isto está a ficar uma confusão. Não é fácil contar as coisas por ordem.

Desculpem.

Ups!, estou a falar com quem? Estarei a escrever para a tal plateia? Agora, não me importo. Vamos lá pôr ordem neste diário de bordo, antes que eu caia borda fora.

Faz hoje, precisamente, um ano.

Quem também faz um ano é o *Tobias*, o meu gato. Dizem que tem nome de coelho, mas o António acha que lhe assenta muito bem. Estou de acordo.

Terezinha

Gosto muito de os ver juntos. A Larysa e o António fazem um par muito querido. E pensar que fui eu que os apresentei. *OK*, acho que estou a ficar pirosa, só me falta desenhar corações por todo o lado! Não é assim que quero escrever isto.

Recomeçemos.

O António é muito tranquilo, e eu sempre achei que a Larysa merecia tranquilidade para viver melhor. Mas na altura nem pensei nisso, só queria mesmo chamar mais público para que a sala da biblioteca ficasse mais composta, porque a bibliotecária, a Dra. Cristina, é uma pessoa incrível e estava muito nervosa com aquela plateia quase vazia.

Faz agora um ano que decidi resgatar, um pouco à força, confesso, a Larysa para a primeira conversa sobre o cérebro e a aprendizagem. «Aprender melhor» era o título da atividade que a Biblioteca Municipal estava a dinamizar naquele fim de tarde.

Agora sim, vamos lá contar tudo direitinho.

2

Larysa

Voltemos à biblioteca. Andava à procura de um livro e precisava de fazer um novo cartão de leitora. Estivemos a soletrar o nome, o ípsilon estava em falta, mas depois lá ficou. Vi que a Terezinha se aproximava e tentei oferecer-lhe um sorriso simpático. Havia sempre um misto de receio e admiração por aquela miúda minúscula.

— Estás ocupada?

— Vim procurar um livro...

— Esquece, tens de vir assistir a isto. O livro não foge.

Tive tempo para perguntar o que era? Não. Recebi o cartão das mãos da funcionária e voei, arrastada pela Terezinha, até à sala onde tudo acontece, desde conferências a concertos, passando por oficinas e peças de teatro. É o auditório, claro. Sim, foi a

partir daí que começou a revolução. E não, nunca hei de ser capaz de me lembrar do nome do livro que me levou à biblioteca. Mas, depois desse livro, vieram muito mais leituras e partilhas. Depois desse dia, trouxe livros muito diferentes.

Naquela tarde, vooi até à sala onde já estavam algumas pessoas, não muitas, e o senhor que iria falar com a plateia. Uma plateia, pensei, inofensiva. Sentei-me e lembrei-me de imediato da combinação para me encontrar com o Sebastião, o meu namorado na altura. Assustei-me: e se demorasse muito tempo? Ele iria ficar bastante irritado.

Terezinha

De nada tinha valido andar a deixar folhetos e avisos por toda a escola: só ali estávamos eu e a Larysa, que não se lembrava sequer do que se ia passar, e o António, que me fazia sempre a vontade. Éramos os melhores amigos desde os três anos, o que contava muito. Na verdade, também nunca lhe dizia que não a nada. Talvez a algumas coisas... poucas. Eram coisas de amigos que se conheceram quando ainda precisavam de andar ao colo.

Crescer é um desafio enorme. Mas, às vezes, é difícil decidir que caminho devemos seguir. *A Escolha É Minha* é uma coleção sobre as opções que tens de tomar todos os dias, com histórias de vida contadas por jovens como tu.

A história deste livro podia ser a tua ou, quem sabe, a de alguém que conheces.

Uma iniciativa da Biblioteca Municipal aproxima duas estudantes que mal se conheciam: a Terezinha, do 9.º A, e a Larysa, a aluna ucraniana do 9.º C. Com o objetivo de fazerem um jornal escolar, juntam-se a outros colegas e lançam mãos à obra. Mas há um problema a afetar a vida da Larysa, um namoro violento que ela tem dificuldade em admitir e terminar.

É então que a Terezinha se lembra de colocar na biblioteca uma caixa de correio para mensagens anónimas dos alunos, que são publicadas no jornal e respondidas pela psicóloga da escola.

Com a ajuda deste espaço seguro e o apoio precioso dos seus novos amigos, a Larysa vai ganhar a coragem necessária para terminar uma relação abusiva e iniciar uma nova fase da sua vida, menos pesada e mais feliz.

Descobre os outros títulos desta coleção:



Este livro é recomendado por:

APAV®
Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
Apoyo à Vítima



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

penguinlivros.pt
 penguinkidspt

12+

ISBN 9789897879159



9 789897 879159 >